

TECNOLOGIA & saúde

13/07/2009
O Globo

Quatro projetos envolvendo alta tecnologia no combate e no controle do câncer estão em andamento no Rio e no Brasil. E, ao contrário do que possa parecer, trata-se de projetos de âmbito público, não privado, todos a cargo da Fundação do Câncer, que desenvolve as iniciativas para apoiar o Inca (Instituto Nacional de Câncer), hospital de referência na área, na Praça da Cruz Vermelha.

O primeiro projeto é o desenvolvimento de um sistema para unificar as informações sobre os exames - e consequentemente diagnósticos - do câncer de mama no país. A Fundação trabalha para reunir três diferentes coleções de dados numa só, explica Zina Pinheiro, gerente de informática da Fundação e responsável pelos sistemas ligados à prevenção do câncer.

- Nossa ideia é mudar completamente o perfil de mamografias no Brasil - explica Zina. - No mês passado, foi lançado o SisMama (Sistema de Informação do Câncer de Mama). Juntando a ele dados do Colégio Brasileiro de Radiologia, estamos reunindo informações sobre onde e por que profissional o exame foi feito, além da quantidade e do tipo de laudo resultante.

Todos esses dados vão entrar num sistema de "business intelligence" para facilitar a análise e as tomadas de decisão sobre o câncer de mama.

- Com isso, os gestores da Saúde poderão avaliar melhor a qualidade das mamografias feitas no país - diz Zina. - Em seis meses, teremos um grande acervo de informações que permitirá uma análise bem abrangente.

Segundo o diretor de tecnologia da Fundação, Altino Leitão, a iniciativa visa a aperfeiçoar a precisão dos diagnósticos de câncer de mama, evitando os falsos positivos (e os falsos negativos também).

- Hoje, 80% das imagens feitas para procurar por câncer de mama são tão ruins que o médico não consegue diagnosticar nada - explica Zina. - O sistema quer ajudar a mapear e resolver esses problemas.

Outra frente em que a tecnologia ajudará é uma espécie de "censo" da incidência de diferentes tipos de câncer na população brasileira.

Esse sistema já existe internamente no Inca e se chama Sisbasepop (Sistema de Base Populacional). Combinando os dados epidemiológicos da população com os registros hospitalares da doença, ele será substituído por um sistema alimentado em tempo real dentro da internet, o Basepopweb.

- Hoje existem 26 registros de incidência de câncer na população (em laboratórios, clínicas, etc), que serão combinados com os dados dos hospitais - diz Zina. - A internet fará a diferença, pois todos esses registros poderão colocar seus dados num único lugar. Hoje, cada registro é local, o que dificulta a consolidação das informações para uma análise mais ampla.

Com isso, será mais fácil ter um controle da doença e seus tipos, completa Altino. O Basepopweb estará concluído em outubro próximo.

O terceiro projeto envolvendo tecnologia e câncer diz respeito a transplantes de medula.

- O Inca é hoje responsável por toda a informação no país sobre pacientes que precisam de transplantes de medula (por exemplo, quem sofre de leucemia) - explica Altino. - Essa informação, inclusive, já está na web. E o Brasil hoje tem um milhão de doadores, que podem ser cotejados com os pacientes através desse sistema.

Nosso banco de dados é inclusive ligado ao dos Estados Unidos. Isso tudo já existe. Agora, estamos trabalhando num registro unificado via web, de acordo com os padrões internacionais, dos transplantes feitos, acompanhando a sobrevivência das pessoas transplantadas e a evolução clínica do tratamento pós-operatório.

Com isso, esses dados ficarão disponíveis pelo cibecilitar respaço para médicos e pesquisadores do mundo inteiro, através da Organização Mundial de Saúde, o que permitirá compreender melhor a dinâmica dos casos e salvar mais vidas. O sistema estará pronto no começo do mês que vem.

- O nível de detalhamento do sistema internacional é impressionante, com 800 perguntas para cada formulário - conta Paulo Camanho, supervisor de desenvolvimento de sistemas do Inca. - E bolamos aqui um gerador de formulários que obedece a esses padrões. Os pesquisadores inseridos nesse esquema podem estudar coisas como o efeito de determinado remédio no tratamento pós-transplante de medula.

Finalmente, o quarto projeto usa a tecnologia dos telefones celulares para uma missão nobre: dar mais conforto a pacientes em estado terminal.

Eles ficam em casa e são atendidos por equipes domiciliares de médicos e enfermeiros que enviam e recebem informações via smartphones sobre o estado do paciente, os remédios ministrados, recursos especiais que eventualmente sejam necessários e assim por diante.

- Trabalhamos num raio de 70 quilômetros em volta dos Incas na região - diz Eduardo José Vichi, supervisor de informática do instituto.

- Temos 12 carros que fazem até dez visitas por dia. Ou seja, no máximo são feitas 120 visitas diárias. Os profissionais envolvidos na operação são médicos, enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos e fisioterapeutas.

Segundo Eduardo, o paciente tem em casa praticamente o mesmo atendimento que no hospital.

- E o smartphone é o prontuário móvel, com todas as informações sobre cada paciente.

Os responsáveis pelo projeto procuram aperfeiçoá-lo constantemente - inclusive avisando à operadora responsável pelos smartphones sobre quais são as áreas em que os aparelhos não se conectam, prejudicando a comunicação entre os profissionais e o Inca.

- Explicamos a ela que estamos tratando de vidas, e por isso é importante resolver essa questão - diz Altino.

- Mas o projeto de TI está no começo, com apenas dois meses (embora o procedimento domiciliar já existisse), por isso é natural que haja necessidade de ajustes nessa fase.